

DISCURSO DO PROFESSOR HILÁRIO VEIGA DE CARVALHO*, REPRESENTANTE DA CONGREGAÇÃO DE PROFESSORES DA FACULDADE DE MEDICINA DA USP.

No dia 18 de fevereiro, em cerimônia solene, na Faculdade de Higiene e Saúde Pública, ao ser inaugurada a herma de seu Fundador e 1.º Diretor, tive a honra de, em nome da Faculdade de Medicina da nossa Universidade, proferir as seguintes palavras:

Esta herma fixa, no valor eterno e nobre do bronze, a imagem do prof. Geraldo Horácio de Paula Souza, Mestre insigne da nossa Universidade e valor perene da Ciência mundial — que engrandeceu com “um saber só de experiências feito”, com um coração de fidalga estirpe e com um espírito iluminado por altos ideais de servir ao bem público naquela sublime tarefa que só os médicos realizam, qual seja a de, contrariando os seus próprios interesses (se interesses o fossem realmente), lutar para que as doenças não surjam ou se desenvolvam. De tôdas as profissões, só a da arte de curar assume esta maravilhosa atitude: vivem os médicos do *munus* que os seus enfermos lhes ensinam; mas tudo fazem para que as doenças se detenham, prevenindo os males futuros e, assim, reduzindo as fontes do seu ganho — pelos conselhos que desparzem de higiene, de medicina preventiva.

É o que Paula Souza fez em tôda a sua existência de sanitarista emérito, de Mestre da Ciência de Hygeia.

Ituano de boa cepa, logo iniciou a sua peregrinação pelo Mundo: Berna, München, Baltimore. Já em 1914 iniciava a sua carreira docente na nossa recém-fundada Faculdade de Medicina e, em 1922, assumia a Cátedra de Higiene, sucedendo a Samuel Darling e a Smillie. E, conjuntamente, a direção do Serviço Sanitário, que remodelou fundamentalmente, “arrancando-o da rotina da medicina policial, de 1777, de Johann Peter Frank”. *Ex dicit, gigas*: logo vieram as marcas indigitadoras do seu gênio — introduziu a cloração das águas potáveis (e acabou com o tifo), criou os primeiros Centros de Saúde existentes no Brasil, organizou os serviços de alimentação pública, tão essenciais para qualquer Nação, estruturou a inspetoria da lepra (que chegou a ser um paradigma para o Mundo), instituiu a fiscalização do exercício da medicina, fundou os Cursos de Educadores Sanitários, etc., etc. — enfim, doou, de seus incomensuráveis dotes, as gemas mais preciosas que inda hoje exornam a nossa medicina preventiva.

* Professor de Medicina Legal e Diretor do Instituto Oscar Freire da Faculdade de Medicina da USP.

Mas, se ao Brasil, deu tanto, não aferrolhou em nossas arcas êsses tesouros. Levou-os, também, mundo em fora, pregando, ensinando, realizando. Poliglota fluente, ensinou nas línguas cultas do Mundo a lição brasileira da nossa experiência e da nossa cultura. Nacionalista legítimo, de melhor padrão e sentido, foi um cidadão do Universo: e deu-lhe muitíssimo, às mancheias, como só sabem dar os grandes de espírito e os nobres de coração. A Liga das Nações beneficiou-se de seus ensinamentos, como seu Técnico em Saúde Pública. E em 1945, na Conferência de São Francisco, em nome do Brasil, que tão superiormente representava, propôs a criação da Organização Mundial da Saúde, de que foi Vice-Presidente e Membro Permanente. Só esta realização enobrece qualquer Homem, engrandece qualquer País.

O reconhecimento, aliás, do Mundo não se fez tardar e, além dos títulos científicos que lididamente alcançou, recebeu as mais altas distinções e veneras, desde o "Ruban Rouge" à Legião de Honra da França.

Nem sempre o tínhamos aqui, para festejá-lo e receber dêle o privilégio do seu contacto, sempre amável e fidalgo. Andava, de contínuo, em suas missões de semador de benesses. Mas, quando o víamos, era sempre aquêlê cavalheiro rizonho, rosado, expansivo, de olhos buliçosamente ridentes e penetrantes, pronto a fazer uma "boutade", com um dito de inteligência a despontar-lhe do espírito culto e vivaz. Emotivo, vibrando intensamente dentro dos seus empreendimentos, era severo consigo mesmo e crítico aguçado dos seus próprios atos — como deve ser um cientista digno, que o era como os que mais o possam ser.

Deu-se desmedidamente, gastou-se em terrível usura que o seu amor à Humanidade lhe impôs. Flama cheia de vida, alcandorou-se ao zênite onde só ascendem os que sabem morrer pelo ideal. De um momento para outro, de inopino como o dissera muito bem Humberto Pascale — "fecharam-se-lhe, para sempre, as portas do futuro, mas abriram-se-lhe, desmesuradamente, as portas do presente. De um presente que será eterno, no exemplo às gerações de discípulos, no mármore da posteridade, no cristal de uma lágrima" . . . e, ora, na perenidade dêste bronze, em sua imagem e em nossa gratidão, no latejar de nossas cordiais recordações e saudades. Como Rajkumari Amrit Kaur, representante da Índia na IV Assembléia Mundial de Saúde, o registrou, em suas próprias expressões, aqui poderíamos repetir: "seja-nos permitido, em nome de todos nós, expressar o nosso profundo pesar e a nossa infinda gratidão àquele que foi um líder mundial em Saúde Pública, um fundador e pai da O.M.S. — e *um amigo*".

Além do bronze e da temporalidade das nossas atitudes, mas perante a inerrância dos nossos sentimentos mais puros, proclamemos, como o nosso Vate Maior, que se foi "da lei da Morte libertanto" êste nosso imarcescível Mestre que o soube ser, que inda é, que sempre o será.

São Paulo, 18 de Fevereiro de 1963